de Eugene Provenzo Jr; a análise do programa *Power Rangers* e a *estética da justiça falo-militarista,* através da violência estilizada e transformada em coreografia, de Peter Mclaren e Janet Morris, e o artigo de autoria de Linda Christian-Smith e Jean Erdman sobre a construção da infância através da leitura da ficção de terror.

O próximo bloco, que inclui os capítulos 8, 9, 10 e 11, inicia com um artigo de autoria de Alan Block que focaliza a leitura de revistas infantis como representação do que nós, adultos, escolhemos para nossos filhos e propõe a discussão de cultura infantil e cultura popular. Segue-se um texto sobre luta livre profissional e a cultura juvenil, no qual o autor, Aaron Gresson III, aborda questões e aspectos que constituem as identidades juvenis como a contenção da civilidade, a provocação e o sarcasmo. O capítulo 10 analisa o comércio dos *cards*, que os autores Murry Nelson e Shirley Steiberg denominam *tirando a carta da manga*, desencadeando uma discussão sobre a coleção dos *cards* e as suas representações na cultura juvenil no passado e no presente. Esse bloco termina com o trabalho de Steinberg sobre o tema da Barbie, narrando o processo de 'invenção' dessa boneca loura pela indústria Mattel, denominada, pela autora, *a mimada que tem tudo* e que durante estes 37 anos de existência assumiu múltiplas identidades étnicas e históricas.

A última parte do livro compõe-se dos capítulos 12, 13 e 14. O primeiro, de Jeanne Brady, discute a temática do multiculturalismo e o sonho americano como tendência na indústria de brinquedos na década de 1990. O segundo artigo, de Jan Jipson e Ursi Reynolds, analisa as representações de mulheres e crianças na cultura infantil através de filmes como *Thelma e Louise* ou de revistas como *Seventeen.* O capítulo 14, de Joel Kincheloe, ressalta alguns aspectos que moldaram e moldam a cultura e a consciência infantil, analisando as articulações entre representações da rede do McDonald's, poder e crianças. Nele, o autor discute a ação da mídia invadindo as esferas da vida privada e campanhas publicitárias, como, por exemplo, "Ronald McDonal faz tudo por você" ou "o McDonald's como lugar de crianças".

A leitura deste livro é instigante por abordar e discutir a temática da constituição da infância na pós-modernidade como uma construção corporativa no panorama da vida contemporânea. Os diversos autores, ao longo dos capítulos, utilizam uma narrativa que engloba e entrelaça diferentes análises de textos midiáticos, possibilitando assim articulações com aspectos que constituem a cultura infantil.

Maria Cecilia Torres
Doutoranda em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: ctorres@vant.com.br

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & Educação*, trad. de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001,109p.

O livro é o primeiro da Coleção *Pensadores & Educação,* dirigida especialmente a docentes, estudantes de Pedagogia e das licenciaturas, pesquisadores, pesquisadoras e estudiosos e estudiosas da área, objetivando oferecer um panorama sobre a obra de autores e autoras que refletem sobre questões da educação, com destaque à contribuição que oferecem. Apresenta sugestões de leituras referentes ao autor estudado e indica *sites* de interesse na Internet.

Em *Comenius & Educação*, encontramos uma contextualização rigorosa do autor e de sua obra *Didática Magna.* Tal tratamento confere ao livro seriedade sem pedantismo, oportunizando uma leitura ao mesmo tempo densa, instigante e prazerosa. O livro nos brinda também com uma completa cronologia comeniana.

Abordando as questões centrais para a didática e a pedagogia em Comenius, Narodowski nos remete ao tema da modernidade e aos modos como a educação escolar está imbricada na lógica que a sustenta, tornando-se ela própria um ícone dessa racionalidade.

O livro está estruturado em cinco capítulos: 1. Comenius e seu tempo; 2. A utopia comeniana; 3. Comenius e a escola; 4. Comenius e a educabilidade e 5. Comenius e os educadores, Não lhes falta concisão, clareza e apoio em citações retiradas da própria *Didática Magna.* É especialmente nos comentários dessas citações que Narodowski nos faz estabelecer conexões importantes entre o "conteúdo" da educação e a gênese da escola de massas que ainda hoje se alimenta de elevadas doses de ordem, seqüenciação e gradualização na perpétua busca de um método racional capaz de produzir o milagre de ensinar tudo a todos e ao mesmo tempo. A insistência nesses mecanismos de controle, a existência de uma articulação muito forte entre família e escola, a educação sendo desenvolvida em ambiente não materno e por especialistas para esse fim formados, a reunião da juventude e da infância em espaços próprios de ensino formal, a consideração da infância como distinta do mundo adulto apenas em grau, idade de vida incompleta, imatura e imperfeita, caracterizam a modernidade pedagógica e o pensamento de Comenius, que é chamado o pai da didática.

O caráter universalizante da educação, princípio e fim das preocupações de Comenius, concretiza-se através de dois dispositivos principais: a simultaneidade sistêmica e a aliança família-escola. Do primeiro, ou seja, desse ideal de um currículo único e simultâneo, rigorosamente controlado por tempos e espaços pedagógicos uniformes, podemos dizer que é sobre ele que ainda hoje se assenta grande parte dos currículos vigentes em instituições regidas pela busca da homogeneidade, pelo controle, pela ordem e em função do tempo: as escolas da modernidade.

Em Comenius, diversos problemas da educação estariam resolvidos se os métodos didáticos fossem esquematizados de forma racional e ordenada. A onipotência da razão sobre os métodos garantiria que os resultados do trabalho pedagógico fossem benéficos.

Maria Alice Goulart
Mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS
E-mail: marialice@terra.com.br